

Com Brasil
22 FEV 1995

A casa de noca

KURT PESSEK

JORNAL DE BRASÍLIA

"Primeiro enterraremos os mortos" ensinou o marquês de Pombal após o célebre terremoto. Ou seja, as prioridades administrativas seguem a lei da natureza, sempre do simples para o complexo. Essa evidência vem à baila depois da correta declaração do Presidente ao constatar a triste realidade: "O Estado brasileiro virou a casa da mãe Joana". E é verdade. Desta vez, incontestável, tem agora a chancela do Presidente.

Imagine-se caro leitor nomeado presidente de gigantesca firma a qual se desconhece o número de empregados e quanto a eles pagar. E eles ainda se aposentam mediante fraudes. Os "data vênia" caríssimos perdem a quase totalidade dos questionamentos na Justiça. Os bancos dobram seus lucros com os títulos da empresa. Os postos de saúde conseguem milagres a altíssimos custos tais o dos partos em homens e criaturas com mais de 60 dentes, todos a necessitar de extração. Os devedores escamoteiam as dívidas, dirigem-se aos jornais e acusam a diretoria de injusta. Além de mil outros problemas.

Descobre-se agora o gritante óbvio revelado a El Rei de Portugal

pelos seus tesoureiros. Sem a competente fiscalização, além da vigilância sobre os fiscais, todo dinheiro aplicado pelo Estado em qualquer setor torna-se inócuo, vira fumaça. E, exato nesses setores, nos quais o custo da vigilância do Estado ultrapassa o recebimento — em moeda ou benefícios de toda a sorte — recomenda-se a partilha com o capital privado.

Isso nos leva de volta a Pombal. O descalabro administrativo da "casa da mãe Joana", por si só, impede qualquer planejamento maior. Tantos e tão descarados roubos só ocorrem por falta de adequada malha de controle a qual inexistente por falência de conhecimentos. Cabe, portanto, começar do zero, reunir dados confiáveis e trançar a rede para colher, ao menos, os grandes peixes. Colocar torniquetes nas sangrias desatadas do erário. Convocar o povo a ligar-se ao Governo na vasta cruzada em defesa do dinheiro público.

Nem mesmo acenos de medidas severas temos notícias. Bem ao contrário, o real cevou os bancos com lucros dobrados — algo digno do livro dos recordes mundiais de todas as épocas. Os poderes aumen-

taram a bel-prazer os salários de seus altos funcionários, condenando-nos todos a sustentá-los à vela de libra e sem direito ao nosso reajuste, pois os índices inflacionários, segundo afirmam, por mesquinhos, não nos respaldam. Porém a eles sim. O "Mateus primeiro os teus" funcionou sem pejo. Também descontrolado, ao léu, vive o comércio. Único do mundo a elevar os preços com o crescimento das vendas. Só no Berço Esplêndido. Abriu-se a importação até para bichos de pelúcias, dentifrícios e fancias de qualquer tipo.

É a "casa da mãe Joana" local perfeito ao capital estrangeiro, pirata, capaz de ganhar em simples mês juros maiores daqueles correspondentes ao ano completo no país de onde saíram. A levar de volta o suor e sangue dos trabalhadores de baixíssima renda. E este se tornou principal motivo da queda do México, ao qual agora todos pretendem socorrer com medo do efeito dominó. Os astutos bem sabem quanto a vizinhança da casa da mãe Joana. Parede-meia com ela fica a casa de Noca. Aquela na qual o "pau co-me-u"... Lembram?

■ Kurt Pessek é escritor